Mural Memória das Mulheres Negras

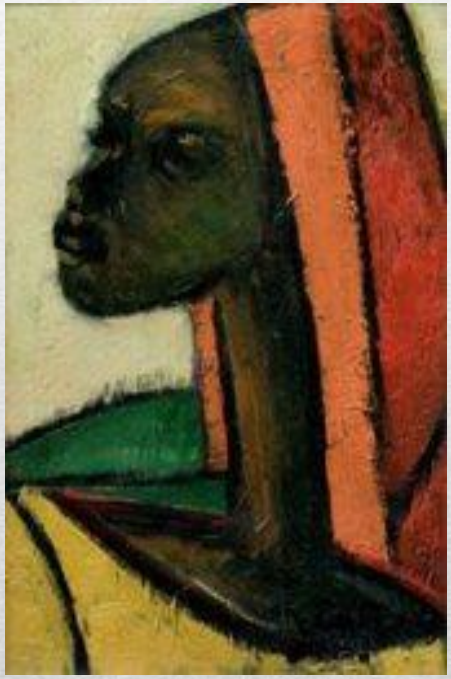
Espaço pedagógico apresentado na Festa dos Moradorxs, Agricultorxs e Remanescentes do Quilombo Vargem.

Organização: Emília Jomalinis

Na parte inferior da imagem o Mural Memória das Mulheres Negras. Foto de Silvia Baptista

Coletivo de Mulheres no dia da Consciência Negra

Aqualtune



Filha do Rei do Congo, a princesa foi vendida como escrava para o Brasil, em razão das rivalidades existente entre os diversos reinos africanos.

Grávida, foi vendida para um engenho de porto Calvo, onde pela primeira vez teve notícias de Palmares. Já nos últimos meses de gravidez organizou sua fuga e a de alguns escravos. Começa, então, ao lado de Ganga Zumba, a organização de um Estado negro, que abrangia povoados distintos confederados sob a direção suprema de um chefe. Aqualtune instalou-se, posteriormente, num desses mocambos, povoados fortificados, a 30 léguas ao noroeste de Porto Calvo. Uma de suas filhas deu-lhe um neto, que foi o grande Zumbi dos Palmares.

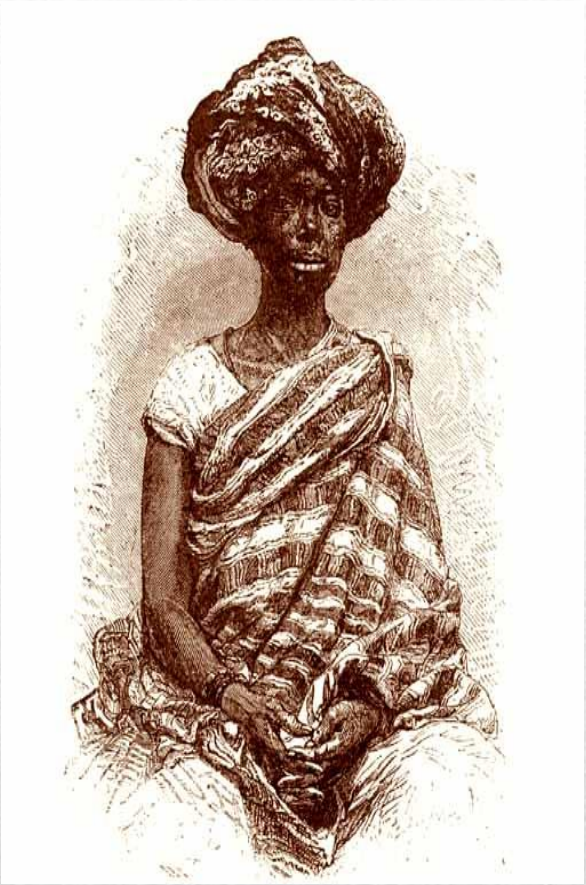
Segundo o que aponta alguns estudos, Aqualtune era avó de Zumbi dos Palmares. Morreu queimada, quando já era idosa.

Dandara

Dandara foi uma grande guerreira na luta pela liberdade do povo negro. Ainda no século XVII, participou das lutas palmarinas, conquistando um espaço de liderança. De forma intransigente, entendia que a liberdade era inegociável, enfrentando todas as batalhas que sucederam em Palmares. Era a companheira de Zumbi dos Palmares. Opôs-se, juntamente com ele, a proposta da Coroa Portuguesa em condicionar e limitar reivindicações dos palmarinos em troca de liberdade controlada. Dandara morreu em 1694 na frente de batalha, para defender o Quilombo dos Macacos, mocambo pertencente ao Quilombo dos Palmares.

Uma das primeiras mulheres a habitar os povoados quilombolas da Serra da Barriga em Alagoas. Matriarca do Quilombo do Palmares, exercia a função de mãe e conselheiras dos/as primeiros/as negros/as refugiados na Cerca Real do Macacos. Era consultada para todos os assuntos, desde questões familiares até questões político-militares.

Acotirene



Luiza Mahín

Luiza Mahim, mulher negra de etnia jejê-nagô, de origem Mahi, atuou em levantes escravos que ocorreram na Bahia nas primeiras décadas do século XIX, entre eles a Revolta dos Malês, em 1835, e a Sabinada, em 1837. Existem controvérsias quanto ao local de nascimento de LUÍZA MAHIN, não se sabe ao certo se veio da África ou nasceu na Bahia, apesar da divergência dizia ter sido princesa na África. LUÍZA trabalhava como ganhadeira, ou seja, ela vivia do pequeno comércio de rua. Foi alforriada em 1812.

Nasceu em Sacramento, interior de Minas Gerais, em 1914, numa família de 9 irmãos. Cursou até o 2º ano primário pois trabalhava para ajudar em casa.

Mudou-se para São Paulo, morando na favela do Canindé, garantia seu sustento e de seus três filhos catando papel, onde encontrou uma caderneta e passou a registrar seu cotidiano de favelada e denunciando a realidade excludente em que viviam os negros. Descoberta por um jornalista, em 1960, teve seu diário publicado com o título "Quarto de Despejo" que vendeu mais de 100 mil exemplares e foi traduzido para 29 idiomas e impressionava o mundo pela força de sua narrativa e pelo depoimento que retratava a fome e a miséria dos favelados.

Carolina Maria de Jesus - 1

Carolina Maria de Jesus - 2

Em seus escritos, Carolina discorre sobre o temor da classe dominante quando tem sua hegemonia ameaçada e as vivencias de uma mulher negra, pobre e favelada.

Em 1961, o livro teve seu texto adaptado para o teatro por Edi Lima e encenado no Teatro Nídia Lícia, no mesmo ano. Enquanto no Brasil Carolina era considerada um fato folclórico, seu livro era comentado pela imprensa internacional, sendo várias de suas páginas transcritas na revista americana “ Life” e na francesa “ Paris Match”. Foi incluída na antologia de escritoras negras, publicada em 1980 pela Randon House, em Nova York. Em 1977, ao ser entrevistada por jornalistas franceses, Carolina entrega-lhes os apontamentos biográficos onde narra sua infância e adolescência marcadas pela pobreza e discriminação racial. Em 1986 esses apontamentos são publicados sob o título de “Diário de Bitita”, pela editora Nova Fronteira. Antes desses apontamentos, Carolina publicou ainda os seguintes livros: “Casa de Alvenaria”, “ Provérbios” e “ Pedaços da Fome” .

Morreu em 1977 na mais completa miséria.

Mãe Menininha do Gantois

Maria Escolástica da Conceição Nazaré, mais conhecida como Mãe Menininha do Gantois nasceu em 10 de janeiro de 1864. Era neta de escravizados da tribo Kekeré, da Nigéria. Foi iniciada no candomblé, ainda criança, no terreiro fundado pela sua bisavó. Aos 28 anos de idade, como filha de Oxum, assumiu o cargo de maior hierarquia na religião e foi a quarta Iyálorixá do Terreiro do Gantois, Conseguiu estabelecer interlocuções como várias personalidades, buscando o respeito da sociedade para a religião, muito perseguida pelo poder político. Devido aos seus poderes espirituais e sua capacidade de agregar as pessoas, conquistou o respeito até mesmo de outras religiões.

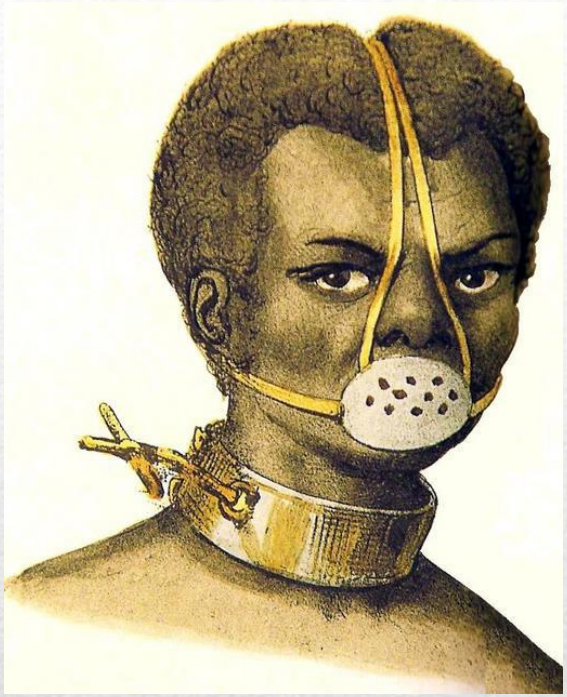
Embala eu, embala eu
Menininha do Gantois
Embala pra lá, embala pra cá
Menininha do Gantois
Oh, dá-me a sua benção
Menininha do Gantois
Livrai-me dos inimigos
Menininha do Gantois
Dá-me a sua proteção
Menininha do Gantois
Guiai os meus passos por onde eu caminhar
Vira os olhos grandes de cima de mim
Pras ondas do mar

Clementina de Jesus

Escrava nascida no Maranhão, participou ativamente na campanha abolicionista da capital maranhense. Filha de uma escrava com um senhor, sabia ler e escrever e, porém seu pai não cumpriu a promessa de libertá-la aos 17 anos. Já nessa idade frequentava os comícios e passeatas da sociedade abolicionista de rapazes, o Clube dos Mortos.

Consciente de sua causa, Adelina passou a utilizar o seu trabalho para colaborar com os abolicionistas. Vendia charutos que seu pai fabricava e tinha, por esse motivo, fácil; acesso a todas as casas da cidade de São Luís. Passava a seus companheiros os planos secretos de perseguição aos escravos e informações sobre ataques da Corte nos Quilombos. Contribuía também na venda e na troca de insumos para manutenção dos povoados quilombolas O seu trabalho tornou-a figura importante de apoio às atividades do clube abolicionista.

Adelina Charuteira



Anastácia

A princesa Anastácia, como era chamada, viveu algum tempo na Bahia, mas foi em Minas Gerais que ela passou a maior parte da sua vida, na fazenda de seu pai.

Ajudando os escravos quando eram castigados, ou facilitando-lhes a fuga, de Anastácia ficou a imagem de uma mulher de grande beleza, personalidade forte, que tinha consciência da injustiça e crueldade da escravidão. Ao se negar a violência física e sexual de um homem branco e para não mais pregar contra escravidão, recebeu o castigo de usar uma mordaça de folha de flandres e uma gargantilha de ferro, podendo apenas se comunicar pelos olhos.

Extremamente doente, foi levada para o Rio de Janeiro onde se tornou famosa por lhe serem atribuídos vários milagres. Foi enterrada na Igreja do Rosário, mas um incêndio ocorrido nessa igreja destruiu a documentação que poderia nos fornecer mais elementos sobre sua história.

Quilombola que viveu no século XVIII, era uma liderança do Quilombo do Quariterê ou do Piolho, nos arredores de Vila Bela da Santíssima Trindade, Mato Grosso. Quando seu marido morreu, Tereza assumiu o comando daquela comunidade quilombola, revelando-se uma líder ainda mais implacável e obstinada. O Quilombo do Quariterê cresceu tanto sob seu comando que chegou a agregar índios bolivianos e brasileiros. Isso incomodou muito as autoridades das Coroas, espanhola e portuguesa.

A Coroa Portuguesa, junto à elite local agiu rápido e enviou uma bandeira de alto poder de fogo para eliminar os quilombolas. Tereza de Benguela foi presa. Não se submetendo a situação de escravizada, suicidou-se. O dia de 25 de julho é instituído no Brasil, pela Lei número 12.987, como o Dia Nacional de Teresa de Benguela e da Mulher Negra.

Tereza de Benguela

Tia Ciata

Hilária Batista de Almeida, a Tia Ciata, nasceu em Santo Amaro da Purificação, Salvador, em 1854. Filha de Oxum, no Candomblé, foi iniciada nos preceitos do santo casa de Bambochê, na nação Ketu.

Aos 22 anos e com uma filha, mudou-se para o Rio de Janeiro. Tia Ciata era muito respeitada pelos seus conhecimentos de religião e não deixava de comemorar, em sua casa, as festas dos Orixás quando, depois da cerimônia, armava pagode. Essas festas chegavam a durar por volta de três dias. Muito boa doceira, punha barraca de comidas na festa da Penha e em volta se formavam rodas de samba, com a participação de Donga, Heitor dos Prazeres, Sinhô e Pixinguinha, alguns deles ainda desconhecidos como artistas.

Sua casa foi reduto de diversos sambistas e tornou-se a capital da Pequena África, no Rio de Janeiro. Tia Ciata morreu em 1924.

Líder quilombola do século XVIII não sabemos se era natural de Benguela, Angola ou se nasceu no Brasil. Para nós, mulheres negras, importa o exemplo de garra e competência na luta contra a opressão.

O Quilombo do Quariterê em Cuiabá ficava próximo à fronteira de Mato Grosso com a Bolívia.

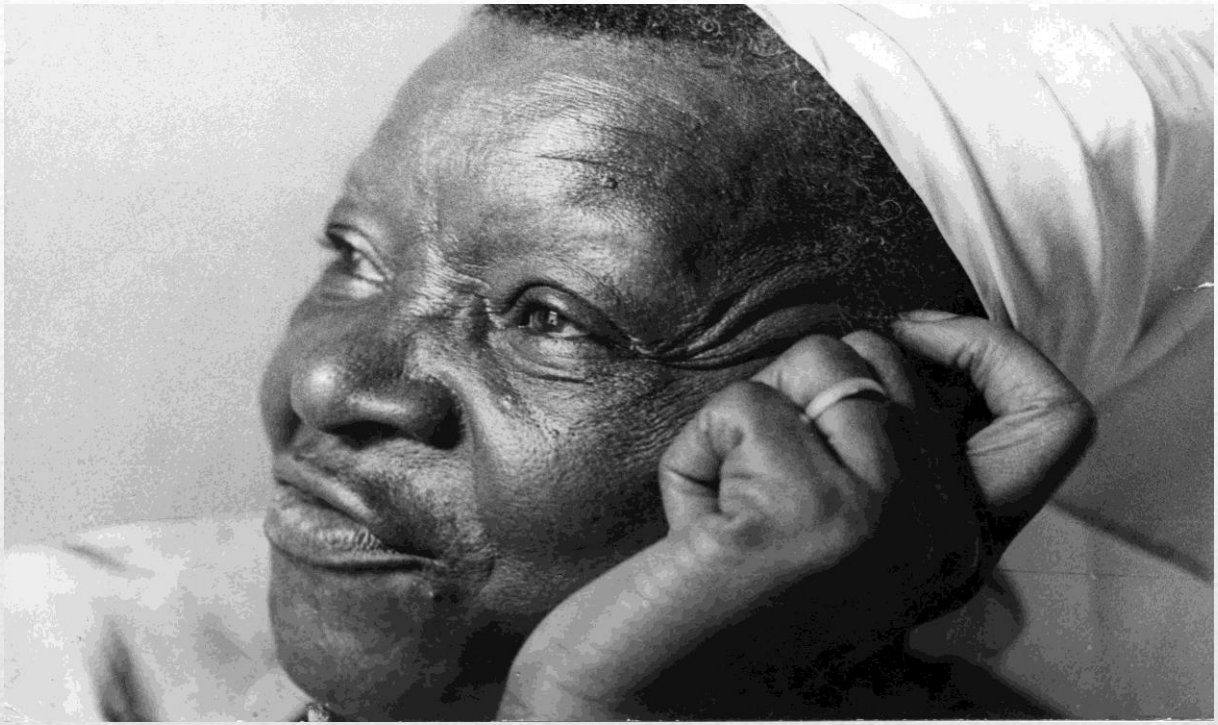
Sob a liderança da Rainha Teresa, a comunidade negra e indígena resistiu à escravidão por duas décadas sobrevivendo até l.770.

A Rainha Teresa comandou a estrutura política, econômica administrativa do Quilombo mantendo um sistema de defesa com armas trocadas com os brancos ou resgatadas das vilas próximas ao quilombo.

Os objetos de ferro utilizados contra a comunidade negra que lá se refugiava eram transformados em instrumento de trabalho, visto que dominavam o uso da forja.

O Quilombo do Quariterê, além do parlamento e de um conselheiro para rainha, desenvolvia agricultura de algodão possuindo teares onde se fabricavam tecidos que eram comercializados fora dos quilombos como também os alimentos excedentes.

Rainha Tereza do Quariterê



Nascida numa região povoada por negros bantos, à época da escravidão colonial, Clementina de Jesus era filha de uma negra liberta sobre a lei do ventre livre, seu pai era pedreiro e violeiro. Nasceu na cidade de Valença, estado do rio de Janeiro. Sua data de nascimento ninguém soube ao certo, em seus documentos haviam diferentes datas que variavam de 1900 a 1907, portanto ela nasceu em cerca de 14 anos depois da abolição.

Clementina de Jesus

Como ela mesma dizia, sua avó era “Mina da África”, denominação dada às negras escravizadas oriundas de São Jorge de Mina, na Costa Africana. Sua referência musical vinha desta origem. Sua mãe lavava roupas entoando cânticos católicos, bem como cantigas aprendidas com seus pais, o jongo e o caxambu.

Por volta de seus oito anos, veio com a mãe e o pai, para o Rio de Janeiro. Passou, então, a viver em Jacarepaguá, onde teve sua primeira experiência musical, como pastora nos folguedos de natal de origem portuguesa. Cantou também no coro do orfanato Santo Antônio, onde estudava como semi – interna.

Com a morte do pai, mudou-se com sua mãe para a casa de um outro tio na Boca do Mato. Ainda amiga de João Cartolinha, Clementina fora convidada a visitar um clube chamado Moreninha de Campinas, próximo à Oswaldo Cruz, reduto do samba carioca.

Foi diretora da escola de Samba Unidos do Riachuelo, onde o diretor de harmonia era ninguém menos que Aniceto, que viria a ser fundador do Império Serrano. Nessa época Clementina ganhava o mundo do samba.

Viveu um romance de 37 anos com Albino Correia da Silva – o Pé Grande – quinze anos mais novo, um fã apaixonado por seu trabalho. Com o casamento foi viver no morro da Mangueira, onde saia na ala das baianas, e fora eleita Princesa da Velha Guarda, em 1956. Mas era enfática; “Saio na Mangueira por causa de meu marido, mas sou Portelense”.

Viveu em Paty do Alferes, distrito da Vila de Vassouras – Rio de janeiro. Era Mucama e costureira de Francisca Xavier. Embora fosse casada com o negro José, escravo que trabalhava na lavoura, vivia na casa-grande. Em 5 de novembro de 1838 se deu a maior fuga de escravos da história fluminense, e o foco principal estava na fazenda Maravilha. A fuga fora liderada pelo ferreiro Manuel Congo, que levou consigo negros das fazendas vizinhas inclusive da fazenda Freguesia, onde vivia Mariana. Esta, juntou-se, então, aos fugitivos tomando a direção do grupo, no qual ficou conhecida como a rainha do quilombo, fazendo par com Manuel Congo, o rei. Situaram-se nas matas de santa Catarina, nas fraldas da serra da Mantiqueira até serem atacados por tropas comandadas por um coronel da Guarda Nacional, que relatara no autos da época que a negra Mariana, de 30 anos estava a frente dos revoltosos, resistindo ao cerco da polícia sob os gritos de “Morrer Sim, entregar não!“ No dia 12 de novembro, Mariana Crioula e Manuel Congo foram feitos prisioneiros, juntamente com outros líderes da revolta e o grupo se dispersou. No julgamento, dezesseis escravos, sete mulheres e nove homens foram indiciados. Mariana, que havia demostrado valentia na mata, quando interrogada, procurou dissimular seu verdadeiro papel nos acontecimentos e alegou que havia sido induzida à fuga. Mesmo tendo sido delatada por outros réus como a rainha do Quilombo, Mariana fora absolvida. O único acusado de homicídio foi Manuel Congo, cuja sentença de morte por enforcamento foi executada no início do mês de setembro de 1839.

Mariana Criola

Nasceu em 11 julho de 1901, em Florianópolis (SC). Órfã de pai, foi criada pela mãe. Depois dos estudos primários, ingressou na Escola Normal Catarinense. Antonieta teve que romper muitas barreiras para conquistar espaços que eram inusitados para as mulheres, e, mais ainda, para uma mulher negra. Nos anos 20, deu início às atividades de jornalista, criando e dirigindo em Florianópolis o jornal A Semana, mantido até 1927. Três anos depois, passou a dirigir o periódico Vida Ilhoa, na mesma cidade.

Na primeira eleição em que as mulheres brasileiras puderam votar e serem votadas, filiou-se ao Partido Liberal Catarinense e elegeu-se deputada estadual (1934-37). Tornou-se, desse modo, a primeira mulher negra a assumir um mandato popular no Brasil. Foi também a primeira mulher a participar do Legislativo Estadual de Santa Catarina. Após a queda do Estado Novo, concorreu a deputada estadual nas eleições de 1945, obtendo a primeira suplência pela legendado Partido Social Democrático (PSD). Assumiu a vaga na Assembléia Legislativa em 1947 e cumpriu seu mandato até 1951.

Antonieta de Barros

Atuante no movimento abolicionista de Santos, na segunda metade do século passado, Brandina era proprietária de uma pensão na antiga rua setentrional, hoje Praça da República.

Embora de origem humilde, usava o ganho do seu trabalho para dar comida, fumo e remédio aos negros que se refugiavam na Baixada Santista, colaborando ativamente com os cabos abolicionistas e com Santos Garrafão, que organizou um dos grandes quilombos de Santos: o Quilombo de Santos Garrafão.

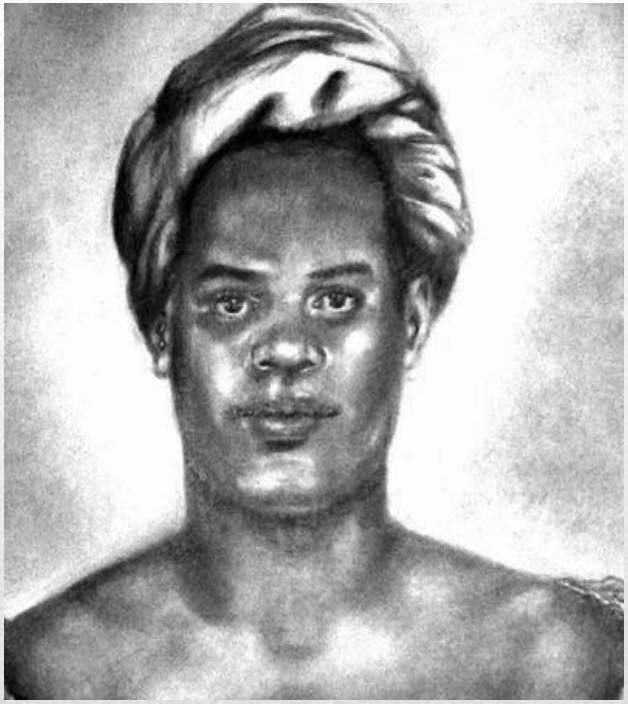
A personalidade forte e destemida, além da qualidade de protetora tornou Brandina uma das figuras mais queridas entre os negros quilombolas da Baixada Santista.

Brandina

Nasceu em 1876 em Macaíba, Rio Grande do Norte, em uma família próspera. Órfã de mãe aos dois anos de idade, e de pai, aos quatro, foi criada pela avó. Em 1887, foi matriculada no Colégio são Vicente de Paula, mas com tuberculose, é obrigada a retornar à casa da avó e completar sua formação na Biblioteca do irmão, poeta, jornalista e deputado federal.

Escrevendo versos em Português e Francês, Auta, mesmo antes de completar 20 anos, colaborava na imprensa de seu Estado. Em 1901 publicou o livro "O Horto", prefaciado por Olavo Bilac e muito elogiado pela crítica. Se tornou a primeira poeta negra reconhecida na literatura brasileira e muito de seus versos foram transformados em cantigas. Auta de Souza morreu em 1901, com apenas 25 anos de idade.

Auta de Souza



Maria Felipa

Maria Felipa de Oliveira, ou simplesmente Maria Felipa, é uma heroína baiana esquecida por um grande número de historiadores. Não se sabe qual a data do seu nascimento.

Nasceu escrava. Depois foi libertada e como liberta trabalhou coletando mariscos e jogando capoeira, nas horas vagas.

Aprendeu a luta da capoeira para vadiar e se defender. Queria que o Brasil se libertasse da dominação portuguesa, que para ela era a única responsável pela escravidão dos seus avós e descendentes.

Para cumprir seu destino, começou se escondendo no outeiros da Fazenda 27, em Gameleira (Itaparica), para acompanhar, durante a noite, a movimentação das caravelas lusitanas. Em seguida, tomava uma jangada e ia para Salvador, passar as informações para o Comando do Movimento de Libertação.

Laudelina Campos Melo

Nasceu em 12 de outubro de 1904, em Poços de caldas, MG. Seus pais eram negros alforriados pela Lei do ventre Livre, em 1871. Em 1961, fundou a associação de empregadas domésticas de Campinas. Cerca de 1200 trabalhadoras domésticas compareceram ao ato de inauguração da associação, em 18 de maio daquele ano. Com o golpe militar de 1964, a associação deveria ser fechada, para que isso não acontecesse, Laudelina aceitou abrigá-la na União Democrática Nacional – UDN. Em 1968 adoeceu durante o processo de sucessão da entidade, o qual levou a dissolução da entidade, levando-a a se desvincular do movimento de empregadas domésticas.
Retomou a direção da entidade em 1982, procurada por suas antigas companheiras. Em 1988 a associação transformou-se no sindicato das empregadas domésticas e continuou a lutar em favor do direito das empregadas domésticas. Morreu em 22 de maio de 1991.

Nascida em 20 de janeiro de 1931, em Cachoeira do Paraguaçu, Recôncavo Baiano, Beatriz Moreira Costa migrou em 1969 para o Rio de Janeiro em busca de melhores condições de vida. Começa a trabalhar como figurante na Rede Globo de Televisão. Logo após, consegue trabalho como costureira na mesma empresa. Entre as décadas de 70 e 80 Biata faz várias viagens a Salvador para cumprir seus deveres religiosos com a Casa de Candomblé na qual foi iniciada, visto que, mesmo atuando religiosamente em casas de parentes religiosos no Rio de Janeiro, seu cordão umbilical estava preso à sua casa matriz, precisava saciar sua sede na fonte.

Mãe Beata de Yemonjá

Em 1984, o governo de São Paulo criou o Conselho Estadual da Condição Feminina. Alertado pelo programa da radialista negra Marta Arruda de que não havia negras entre as 32 conselheiras convocadas, Sueli fazer parte do conselho. Em 1988, foi convidada para integrar o Conselho Nacional da Condição Feminina, em Brasília. Antes de partir, no entanto, fundou o Geledés – Instituto da Mulher Negra, primeira organização negra e feminista independente de São Paulo.
Criou o único programa brasileiro de orientação na área de saúde específico para mulheres negras.

Sueli Carneiro

Militante do Movimento Negro e de Mulheres Negras da Baixada Santista nos anos de 1980/90, foi a primeira escritora negra a gravar seu depoimento no Museu de Literatura Mario de Andrade de S.P. Sua obra está no livro de poesias "Eu, mulher negra, resisto". Pioneira em escrever pra imprensa com recorte de gênero e raça, segue sua militância articulando a luta de combate ao racismo e a violência contra mulher.

Alzira Rufino

Estudante, dedicou-se ao estudo da teoria marxista, muito cedo teve destaque na liderança do movimento estudantil que, com posições avançadas defendia com firmeza suas propostas. Conhecida como "Preta", lutou contra ditadura militar na Guerrilha do Araguaia.

Helenira Rezende

Atriz desde 1943, ingressa no Teatro Experimental Negro liderado por Abdias do Nascimento. Ela abriu caminho para outras atrizes negras no Brasil, tendo sido a primeira atriz negra a subir ao palco do Teatro Municipal do Rio de Janeiro com a peça "O Imperador Jones". No cinema estreio em 1948 com o filme "Terra Violenta", baseado no romance "Terras do Sem-Fim" de Jorge Amado.

Ruth de Souza

Formada em medicina, entrega-se às causas sociais, lutando por uma sociedade justa e igualitária. Defensora das bandeiras libertárias continua a ser referência para a luta popular do Maranhão. Fez história como líder do Partido Comunista do Brasil, no MA. Dirigiu o jornal Tribuna do Povo e lutou contra a ditadura militar de 1964.

Maria José Aragão

Professora de história e filosofia, dedica sua militância e vida acadêmica a questão racial. Contribui pra fundação de diversos movimentos e grupos, como: Movimento Negro Unificado, Instituto de Pesquisa das Culturas Negras, Coletivo de Mulheres Negras N'Zinga e o Olodum. Seus escritos, simultaneamente permeados pelos cenários da ditadura política e da emergência dos movimentos sociais, são reveladores das múltiplas inserções e identificam sua constante preocupação em articular as lutas mais amplas da sociedade com a demanda específica dos negros e, em especial das mulheres negras e lésbicas.

Lélia Gonzalez

Enfermeira com especialização em Saúde Pública, Mãe Stella exerceu a profissão durante trinta anos. Iniciada no Candomblé desde os 14 anos, foi a primeira ialorixá a escrever livros e artigos sobre sua religião. Foi escolhida por Xangô e pelos búzios para ser a ialorixá do terreiro de São Gonçalo do Retiro na Bahia. Ela combateu o sincretismo entre o candomblé e o catolicismo, ressaltando que a fusão de elementos culturais distintos descaracterizava as duas religiões, e prejudicava a religião dos oprimidos.

Mãe Stella de Oxóssi

A ideia do Mural Memória das Mulheres Negras é ser um espaço pedagógico que visibiliza mulheres negras lutadoras pouco conhecidas pelo público e ausentes nos livros de história, trazendo imagens e textos sobre suas vidas. A história oficial, além de ser a história dos vencedores, é a história dos homens brancos. São poucas as mulheres, especialmente as negras, que aparecem nos livros didáticos. (Quando aparecem, costumam estar de forma pejorativa). Isso não significa contudo que as mulheres não sejam agentes da história, pelo contrário, sempre estiveram na linha de frente juntos com homens, irmãos, e companheiros. Colocaremos lado a lado mulheres guerreiras do brasil e do mundo junto às lutadoras do Quilombo Vargem.

Emília Jomalinis

A metodologia do Mural

A continuidade do Mural Memória Mulheres Negras permitirá reviver a história das ancestrais do Quilombo Vargem. Conheça as irmãs Lila* e Tida no vídeo:

https://www.youtube.com/watch?v=Jbqv-aWei2Q

*In memoriam

Mulheres do Quilombo Vargem

Para saber mais

BIBLIOGRAFIA

Dicionário Mulheres do Brasil de 1500 até a atualidade. Jorge Zahar editor, RJ, 2000.
Cartilha "Mulher Negra tem História". Alzira Rufino, Nilza Iraci, Maria Rosa, 1987.
Anais do Colóquio da Unesco sobre as Sobrevivências das Tradições Africanas no Caribe e na América Latina; Verger, Pierre em "Os libertos – Sete caminhos na liberdade de escravos da Bahia no século XIX" Ed. Corrupio; Sérgio Ferretti "Querebentan de Zomadonu:Etnografia da Casa das Minas.

http://belezasdekianda.wordpress.com/2012/03/09/elas-fizeram-historia/

http://jornalggn.com.br/noticia/08-de-marco-mulheres-negras

Cartilha "Somos todas Rainhas". Coleção Histórias das Mulheres Negras. Passado, Presente e Futuro. Associação Frida Kahlo e Articulação Política de Juventudes Negras, 2011. Disponível em: http://www.afrika.org.br/publicacoes/somos-todas-rainha-1ed.pdf